



## A *prólepsis* de Epicuro e seus significados

### The *Prólepsis* of Epicurus and its Meanings

Marcos Roberto Damásio da Silva<sup>1</sup>

e-mail: [marcosdamasioufc@gmail.com](mailto:marcosdamasioufc@gmail.com)

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0719-8414>

DOI: <http://dx.doi.org/10.25187/codex.v6i1.16636>

**Resumo:** O presente artigo investiga a noção de *prólepsis* (πρόληψις) na filosofia de Epicuro a partir dos termos empregados por Diógenes Laércio no parágrafo 33 do 10º livro de *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. O termo *prólepsis* é um neologismo de Epicuro, como afirmou Cícero, e que, para explicá-lo convincentemente, Diógenes Laércio recorreu a outros termos consolidados na tradição filosófica: *katálepsis*, *dóxa orthé*, *énnoia* e *katholikè nóesis*. Segundo Epicuro, a *prólepsis* é uma retenção mnêmica (μνήμη) formada empiricamente a partir do que afeta os sentidos (αἰσθήσεις) e constitui-se de diversas experiências vivenciadas no decurso do tempo, isto é, de uma pluralidade de experiências que deixaram marcas (τύποι) na *psykhé*, vindo a ser acionadas pelo entendimento (διάνοια) sempre que necessárias. Muito cara à sua filosofia, a *prólepsis* como o segundo “critério da verdade” (κριτήρια τῆς ἀληθείας) garante a passagem da sensibilidade ao entendimento, legitimando assim a capacidade de produção de conhecimento “confirmado” (μαρτύριον).

**Palavras-chave:** *prólepsis*; antecipação; apreensão real; opinião correta; ideia universal

**Abstract:** The present article investigates the notion of *prólepsis* (πρόληψις) in the philosophy of Epicurus from the terms employed by Diogenes Laertius in paragraph 33 of the 10th book of *Life and doctrines of the illustrious philosophers*. The term *prólepsis* is a neologism of Epicurus, as Cicero put it, and that, to explain it convincingly, Diogenes Laertius resorted to other terms consolidated in the philosophical tradition: *katálepsis*, *dóxa orthé*, *énnoia* and *katholikè nóesis*. According to Epicurus, *prólepsis* is a mnemonic retention (μνήμη) formed empirically from what affects the senses (αἰσθήσεις) and consists of several experiences experienced in the course of time, that is, a plurality of experiences that left marks (τύποι) in the *psykhé* to be actuated by the understanding (διάνοια) whenever necessary. Much to its philosophy, *prólepsis*, as the second “criterion of truth” (κριτήρια τῆς ἀληθείας), guarantees the passage of the sensibility to the understanding, thus legitimizing the capacity to produce “confirmed” (μαρτύριον) knowledge.

**Keywords:** *prólepsis*; anticipation; real apprehension; correct opinion; universal idea

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia, linha de pesquisa Filosofia Antiga e Medieval, da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, sob orientação da Profa. Dra. Miriam Campolina Diniz Peixoto.



## Introdução: A criteriologia epicúrea

Diógenes Laércio foi o responsável por transcrever em sua obra, *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*<sup>2</sup>, o que restou da imensa obra de Epicuro: suas três *Epístolas* endereçadas aos seus discípulos – Heródoto, Pítocles e Meneceu – e as *Máximas Capitais*<sup>3</sup>. Entretanto, ele não apenas transcreveu suas *Epístolas* e *Máximas*, mas também empreendeu esforços para torná-las compreensíveis aos interessados em sua obra. Os primeiros 34 parágrafos são dedicados a uma introdução sobre: a vida de Epicuro (1-16), seu Testamento (17-21), uma última e pequena carta a Idomeneu (22), uma lista de alguns discípulos próximos (23-26), um catálogo de suas “melhores” (βέλτιστα) obras (27) e uma breve exposição à doutrina de Epicuro (28-34). Nesta última parte, Diógenes Laércio introduz seu leitor aos temas das três *Epístolas* – a *física*, a *meteorologia* e *sobre a vida humana*, respectivamente –, à tríplice divisão da filosofia epicúrea – a *canônica*, a *física* e a *ética* – e, por fim, à ciência dos critérios, isto é, a *criteriologia*.

---

<sup>2</sup> As citações são traduções de Mário da Gama Kury (1987) eventualmente modificadas para melhor compreensão. Foram usados os estabelecimentos e as traduções de Hermann Usener (1887); Ettore Bignone (1920); Grazziano Arrighetti (1973); e Jean Bollack-André Laks (1977).

<sup>3</sup> Doravante abreviados para *DL* quando se tratar de comentários de Diógenes Laércio seguido do livro (I – X), *EHe* (*Epístola a Heródoto*), *EPi* (*Epístola a Pítocles*), *EMe* (*Epístola a Meneceu*), *MC* (*Máxima Capitais*) e *SV* (*Sentenças Vaticanas*). Para os textos gregos consultamos todos aqueles estabelecidos pelos autores citados na nota anterior.

Denomina-se de *criteriologia*<sup>4</sup> a compreensão sistemática do conjunto de fundamentos que dão suporte tanto aos ajuizamentos seguros, numa esfera gnosiológica, como também às “reflexões sobre os modos de vida”<sup>5</sup>, campo da ética ou, mais precisamente, como se opta interpretar aqui, da *sabedoria*<sup>6</sup>. Foi a isto que chamou Epicuro de “critérios da verdade” (κριτήρια τῆς ἀληθείας). Esses critérios situam-se na primeira parte da tríplice divisão da filosofia de Epicuro, descrita por Diógenes Laércio como Canônica (κανονικόν), a qual denominaram os primeiros epicuristas de “ciência do critério [de verdade] e dos princípios primeiros, e também doutrina elementar”<sup>7</sup>, definição que se assemelha àquela de “filosofia primeira” (πρώτη φιλοσοφία) de Aristóteles como “ciência das causas e dos princípios primeiros ou supremos” (Arist. *Met.* A 1-2).

<sup>4</sup> Termo tomado de Miguel Spinelli em: *Epicuro e as bases do epicurismo*, 2013, *passim*, o qual se julga, aqui, a melhor concepção dos critérios da verdade, como também, por ora, opta-se por rejeitar a querela em torno da concepção da canônica, se é esta uma teoria do conhecimento ou uma lógica, ou até mesmo uma propedêutica para a *physiología* epicúrea.

<sup>5</sup> BOLLACK; LAKS, 1976, pp. 26-27. Opta-se pela tradução de André Laks, na qual ἔστι δ' ἐν αὐτῇ τὰ περὶ βίων (DL, X, 30) é melhor traduzido por: “on y trouve les réflexions sur les modes de vie” que “tratado das concepções da vida humana”, como traduziu Mário da Gama Kury. Há uma distinção entre “vida humana” e “modos de vida”; esta segunda apontando claramente para uma concepção ética da vida, já a primeira podendo sugerir “vida biológica”. Também antes e depois da *EMe* Diógenes Laércio usa a expressão τῶν βιωτικῶν, 117 e 135.

<sup>6</sup> Quando Diógenes Laércio se refere à epístola endereçada a Heródoto, ele diz “sobre a física” (περὶ τῶν φυσικῶν); quando se refere à epístola endereçada a Pítocles, “sobre as coisas suspensas no ar” (περὶ μεταρσίων), numa referência aos fenômenos celestes; mas, quando se refere à terceira epístola, escrita a Meneceu, escreve apenas “sobre os modos de vida” (περὶ βίων), não fazendo referência ao termo ἠθικῶν no sentido estrito do termo, visto que a ética para Epicuro mais se assemelha a uma sabedoria enquanto φρόνησις, uma sabedoria prática e não sistemática. Diógenes Laércio cita uma obra de Diógenes de Tarsos intitulada *Epítome da doutrina ética de Epicuro* (Ἐπιτομὴ τῶν Ἐπικούρου ἠθικῶν δογμάτων), na qual usa o termo ἠθικῶν. Essa noção assemelha-se a uma espécie de conhecimento típico, por exemplo, da sabedoria hebraica, expressa pelo termo *hokmāh* e traduzido para o grego como σοφία, que traz consigo habilidades de “fazer escolhas certas no momento oportuno” (VINE; UNGER; WHITE, 2003, p. 271), como bem demonstra o Provérbio 12: “Eu, a sabedoria, habito com a prudência e disponho de conhecimentos e conselhos”, traduzido pra a LXX como: ἐγὼ ἡ σοφία κατεσκήνωσα βουλήν, καὶ γινώσκω καὶ ἔννοιαν ἐγὼ ἐπεκαλεσάμην.

<sup>7</sup> DL, X, 30: καλοῦσι δ' αὐτὸ περὶ κριτηρίου καὶ ἀρχῆς, καὶ στοιχειωτικόν.

Segundo Benjamin Farrington, era bastante comum, já no período helenista, entender a filosofia dividida em partes (μέρη) distintas, pressupondo momentos internos diferenciados, como ele bem apresenta: “as escolas antigas, de hábito, reconhecem três partes da filosofia: a racional, a natural e a moral” (FARRINGTON, 1968, p. 111).

Todavia, é importante perceber que essa divisão da filosofia epicúrea é apresentada apenas por Diógenes Laércio<sup>8</sup> e não é encontrada em nenhuma das cartas de Epicuro a nenhum dos seus discípulos. As partes da sua filosofia foram denominadas de *canônica*, *física* e *ética*. Na canônica, segundo Diógenes Laércio, são expressas como critérios da verdade: “as sensações, as antecipações e as afecções”<sup>9</sup>, acrescentando os epicuristas, posteriormente, um quarto critério, o das “projeções representativas do entendimento”<sup>10</sup>. Vale salientar também e dar o devido crédito à observação feita por Markus Figueira de que Diógenes Laércio interfere no pensamento de Epicuro quando o subdivide em três partes. Ele também aponta que a raiz dessa interferência encontra-se no típico problema doxográfico e que se deve distinguir a obra e o pensamento remanescentes de Epicuro de seus comentadores. Ora, uma coisa é a exposição do filósofo Epicuro, outra são os comentários do historiador Diógenes Laércio:

---

<sup>8</sup> DL, X, 29: Após afirmar que exporia a filosofia de Epicuro, Diógenes Laércio diz: “dividir-se em três partes: a canônica, a física e a ética” (Διαιρεῖται τοίνυν εἰς τρία, τό τε κανονικόν καὶ φυσικόν καὶ ἠθικόν).

<sup>9</sup> DL, X, 31: ἐν τοίνυν τῷ Κανόνι λέγων ἔστιν ὁ Ἐπίκουρος κριτήρια τῆς ἀληθείας εἶναι τὰς αἰσθήσεις καὶ προλήψεις καὶ τὰ πάθη [...].

<sup>10</sup> Idem: [...] οἱ δ' Ἐπικούρειοι καὶ τὰς φανταστικὰς ἐπιβολὰς τῆς διανοίας. Na MC XXIV, Epicuro usa a expressão φανταστικὴν ἐπιβολὴν τῆς διανοίας no lugar de προλήψεις.

Para começar, ele [Diógenes Laércio] já interfere na compreensão que o leitor pode ter do pensamento em questão quando subdivide a filosofia em canônica, física e ética. É preciso discordar dessa divisão. Note-se que em nenhum momento na *Carta a Heródoto* Epicuro faz menção a esta divisão estabelecida por Diógenes Laércio<sup>11</sup> (FIGUEIRA In: MARQUES, 2012, p. 278).

Os critérios (κρίτηρια), da forma como são pensados por Epicuro e os epicuristas, são princípios ou fundamentos necessários para se estabelecer um discurso possível e verdadeiro tanto da realidade aparente (φαινόμενον) como dos elementos inteligíveis (στοιχέα) e dos princípios (ἀρχαί) fundantes de toda realidade possível, pois “o todo são corpos e vazio” (τὸ πᾶν ἐστὶ σώματα καὶ κενόν, *EHe*, 39). Portanto, verdade (ἀλήθεια) não é a descrição exata da realidade dos entes e suas relações no mundo, nem tampouco a captação do *em si* (αὐτός) dos entes mesmos, mas sim a demonstração de como estes aparecem na realidade sensível e como são confirmados pela sensibilidade e o entendimento, ou seja, se estão em conformidade com os critérios postulados na *Canônica*. Afirmar como é possível postular o conhecimento de algo mediante critérios seguros é o ponto inicial para se formular um método legítimo de investigação desde os elementos mais corriqueiros do cotidiano, como um cavalo, um boi ou uma pedra, até os entes intelectivos mais nobres, isto é, aqueles que só o pensamento pode alcançar e asseverar: o átomo e o vazio. Logo, verdade ou falsidade diz respeito a enunciados derivados da confirmação sensível (μαρτύριον) e não a enunciados submetidos apenas a apreciações lógicas ou conceituais.

---

<sup>11</sup> Embora se aprecie aqui tal observação e se endossem os cuidados em distinguir entre os comentários e atribuições de Diógenes Laércio e a exposição filosófica própria de Epicuro, não se chega a tanto aqui ao ponto de “discordar dessa divisão”; talvez o melhor procedimento seja se precaver de possíveis excessos que essa intervenção de Diógenes Laércio possa infundir no leitor. Vale salientar também que essa divisão está na esteira da filosofia helenística e aparece em todas as escolas desse período.

Etimologicamente, segundo Chantraine (1970, p. 493), um Κανών<sup>12</sup>, donde deriva κανονικόν, denota um “pedaço de madeira comprido” ou uma “vara reta”, frequentemente usada como o instrumento de trabalho do pedreiro ou de um marceneiro, como uma “régua de medir”, um “molde” ou até mesmo como uma “linha reta”, usada com a pretensão de manter algo reto, isto é, ela “prova a retitude, como a régua de um carpinteiro; daí seu uso metafórico expressar o que serve para ‘medir’ ou ‘determinar’ qualquer coisa” (VINE; UNGER; WHITE, 2003, p. 912). Ainda, no sentido ético, “a palavra veio a servir para qualquer coisa que regula as ações humanas, como um padrão ou princípio” (VINE; UNGER; WHITE, 2003, p. 912) moral. Lucrécio reforça este sentido de κανών quando introduz a metáfora da construção, comparando uma edificação com um conhecimento estruturado sobre falsos critérios, ou seja, segundo Lucrécio, um conhecimento que procede de “erradas sensações” está fadado ao engano, semelhante a uma edificação construída através de cálculos errados e mediante uma “régua torta”:

Finalmente, se uma construção começa com uma régua torta, se o esquadro enganador se afastar de uma linha reta, se um nível em algum ponto falha por pouco que seja, é fatal que tudo fique errado e de través, malfeito, deitado, inclinado para frente, deitado para trás, com os telhados discordantes, de tal modo que tudo parece querer cair, e cai, traído pelos primeiros cálculo errados. (LUCRÉCIO. *De Rer. Nat.*, IV, 513 *et seq.*)

Assim sendo, é nesse sentido que a *canônica* epicúrea se estabelece mais que como uma mera “introdução ao sistema doutrinário”<sup>13</sup>, como diz Diógenes Laércio, e sim como uma *regra prescritiva*, isto é, um instrumento que reúne elementos preceituais a serem guardados na mente;

<sup>12</sup> Havia, entre as obras escritas por Epicuro e que não sobreviveu, uma, segundo o relato de Diógenes Laércio (DL, X, 27), intitulada de “Sobre o critério ou Canôn” (Περὶ κριτηρίου ἢ Κανών).

<sup>13</sup> DL, X, 30: ἐφόδους ἐπὶ τὴν πραγματείαν.

tudo aquilo, portanto, que é caracterizado como “o essencial dos princípios mais importantes”<sup>14</sup>. Tal afirmação se fundamenta já no início da *Epístola a Heródoto*<sup>15</sup>, quando Epicuro expõe o método a ser utilizado em sua investigação (ζήτσεις), mostrando a pertinência da *sensação* e a necessidade de se conjecturar, através dela, o universo imperceptível (ἄδελον). É, sobretudo, a partir da *physiología*<sup>16</sup> (ciência dos fundamentos físicos) que a *canônica* pode ser elaborada como *regra prescritiva*, a qual intenta como finalidade munir o *physiólogos* de um tipo de conhecimento que supera as explicações mitológicas e que se apega às elaborações conceituais provenientes do sensível, do que aparece e que, num segundo momento, salta à uma capacidade imaginativa (representativa) dos entes percebidos, demonstrando, assim, que a natureza humana é forjada de sensação e entendimento ou percepção e reflexão.

Para Epicuro, é evidente que as sensações (αἰσθήσεις) – primeiro critério de verdade – iniciam a atividade do conhecimento. Assim sendo, a existência da função intelectual não é negligenciada; é antes necessária em sua gnosiologia, mas apenas dependente (ἥρτηται) das sensações, “posto que todo raciocínio é enunciado a partir das sensações”<sup>17</sup>. Isso fica claro numa outra passagem citada por Diógenes Laércio: “todas as reflexões têm sua origem nas sensações e se formam por conjuntura, por analogia, por semelhança e por composição, colaborando

<sup>14</sup> Tanto na *EHe* 35 como na *EPI* 84, Epicuro recorre à estratégia de escrever “uma epítome de todo seu sistema a fim de que possam conservar bem guardado na memória o essencial dos princípios mais importantes” como também “uma exposição sumária e suficientemente clara [...] a fim de que possam fixá-la facilmente na memória”. Isto se dá pelo fato de as suas obras maiores serem “difícil de recordar” (*EPI*, 84). Diógenes Laércio parece usar o mesmo método usado por Epicuro; qual seja, sintetizar o conteúdo mais importante da doutrina.

<sup>15</sup> cf. *EHe*, 38. Deve haver, necessariamente, uma dedicação constante do *physiólogos* na “contemplação da natureza” (περὶ φύσεως θεωρίας).

<sup>16</sup> Diz-se, a princípio, e descompromissadamente, da ciência que investiga a *phýsis* de um modo geral (Cf. *EHe*, 37), mas que, no decorrer dessa investigação, ganha corpo e o objeto a ser investigado é especificado, a saber, os elementos primeiros, o átomo e o vazio. Outro termo utilizado por Epicuro que caracteriza essa investigação é αἰτιολογία, *DL*, X, 80, 82 e 97.

<sup>17</sup> *DL*, X, 32: πᾶς γὰρ λόγος ἀπὸ τῶν αἰσθήσεων ἥρτηται.

também, em algo, o raciocínio”<sup>18</sup>. Em uma palavra, os fenômenos (φαινομένων) fornecem o material necessário para inferir ou sinalizar (σημειοῦσθαι) o que não é da ordem do sensível (ἄδηλον).

É a partir das sensações que sua filosofia se funda e seu quadro conceitual se configura, isto é, há grande recorrência a um variado número de termos retirados do universo sensível e que apontam a intenção de Epicuro. Por outro lado, as reflexões epicúreas não permanecem apenas no âmbito estético, mas se elevam à esfera do entendimento, onde as imagens (εἶδωλα) introjetadas na sensibilidade e percebidas pela experiência direta e particular podem se elevar a um *status* de “ideia universal” (καθολικὴ νόησις), isto é, podem se apresentar o “mais distante da experiência direta e imediata que nos proporcionam as sensações e os sentimentos” (MORAES, 1998, p. 31). Evidentemente, tal superação aponta para uma *praenotio*, como traduziu Cícero as *prolépseis*, anteriormente formadas pelo entendimento e utilizadas pelos raciocínios em forma de sons, palavras e toda espécie de linguagem.

No que tange à atividade do entendimento<sup>19</sup> e no que diz respeito à formação das *prolépseis*, estão implicados de forma necessária os dois momentos fundamentais da gnosiologia epicúrea; a saber, a percepção sensível (αἴσθησις) e a reflexão (λογισμός). Para Epicuro, “somente o que se observa pela sensação e o que se compreende pela projeção do entendimento é verdadeiro”<sup>20</sup>. Ora, o âmbito da proléptica epicúrea é precisamente o âmbito do entendimento

<sup>18</sup> DL, X, 32: καὶ γὰρ καὶ ἐπίνοιαί πᾶσαι ἀπὸ τῶν αἰσθήσεων γεγόνασι κατὰ τε περίπτωσιν καὶ ἀναλογίαν καὶ ὁμοιότητα καὶ σύνθεσιν, συμβαλλομένου τι καὶ τοῦ λογισμοῦ.

<sup>19</sup> O conceito de *entendimento* (*diánoia*) desdobra-se a partir da noção de *noús*: “compreensão”, “razão”, “intelecto”. Diversos outros conceitos vinculados à mesma raiz *no-* denotam o “lugar da consciência reflexiva, compreendendo as faculdades da percepção e entendimento” (Cf. VINE; UNGER; WHITE, 2003, p. 784). Também, “originalmente, refere-se ao sentido interior que se dirige a um objeto [...], o entendimento pertence, sendo a capacidade para pensar” (Cf. COENEN; BROWN, 2007, p. 1920).

<sup>20</sup> DL, X, 62: ἐπεὶ τό γεθεωρούμενον πᾶν ἢ κατ’ ἐπιβολὴν λαμβανόμενον τῇ διανοίᾳ ἀληθές ἐστίν (tradução levemente modificada).

(διόνοια) inferido do universo sensível. Dito de outra forma, diz-se do trato conceitual-universal com as formas das coisas externas, isto é, trata-se da atividade racional própria da *psykhé*, a qual difere da atividade irracional ou “não discursiva” (ἄλογον) própria da *aísthesis*, isto porque a *psykhé* participa tanto da sensibilidade como do entendimento. Também Platão, no *Fédon*, sugere-nos que, semelhantemente a Epicuro, “a alma se serve do corpo” (PLATÃO, *Fédon*. 79c), isto é, dos sentidos, e, “através da visão, da audição...” (PLATÃO, *Fédon*. 79c) inicia (e apenas inicia) o processo de conhecimento. Este, iniciado no sensível, chega ao inteligível dialeticamente, como sugere o *Ménon*. Em Epicuro, portanto, trata-se da capacidade que o entendimento dispõe para discernir, não de forma dialética, pois não há um “além-mundo”, os particulares que se *apresentam* à faculdade da sensibilidade por meio da introjeção das imagens (εἶδωλα); logo, universalizados esses particulares, chamar-se-ão “antecipações”, isto é, προλήψεις.

### As antecipações (*Prolépsis*)

O termo προλήψεις<sup>21</sup> (*prólepsis*) será aqui sempre traduzido por *antecipação*. Seu campo semântico não é tão extenso, mas é evidente que contempla outras traduções. Pretende-se, com essa tradução, evitar possíveis relações indevidas com os conceitos idealistas da filosofia clássica anterior, como, por exemplo, “ideia”, “forma”, “essência” e outros. Muito cara ao seu

---

<sup>21</sup> Etimologicamente, o termo προλήψεις é um substantivo preposicional, isto é, um substantivo composto e prefixado, formado pela preposição *pró*: “antes”, “diante”, “prematuramente”, “com preferência”, e acoplado ao verbo *lépsis*: “ação de colher”, “receber”, “percepção”. Também *lambáno*, “compreender”, “apreender com os sentidos” (PABÓN, 2002, p. 364). A *prólepsis*, portanto, significa “receber antecipadamente”, daí “antecipação”, isto é, diz-se de uma percepção guardada na *psykhé*. Também se relaciona com *prolambáno*, “adiantar”, “surpreender”, “receber antes”, “levar adiante”, “perceber”, “tomar”, “tomar posse de”, “agarrar” (Cf. ISIDRO, 1998, pp. 486, 478, 347). Nesse sentido, diz-se da capacidade que a faculdade da memória (*mnéme*) tem de “antecipar” ou de “receber antecipadamente” (*prolépsis*) as sensações por já tê-las fixadas na *psykhé* por intermédio das sensações.

pensamento, a *prólepsis* constitui um neologismo<sup>22</sup> introduzido por Epicuro no pensamento filosófico e, conseqüentemente, na cultura e na língua gregas, caracterizando assim um conceito fundamental em sua filosofia. As *prólepsis* garantem a passagem da sensibilidade ao entendimento, legitimando a capacidade para se armazenar experiências passadas na *psykhé*. Portanto, as *prólepsis* são conteúdos inteligíveis, são “ideias”, noções ou conceitos<sup>23</sup> formulados a partir das experiências sensíveis.

Uma breve análise etimológica do termo πρόληψις ajudará muito na compreensão desse conceito, já que nenhuma outra tradição havia se utilizado deste. Portanto, nem a ἀνάμνησις platônica nem a κατάληψις estóica abarcam devidamente a compreensão epicúrea desse termo, talvez por isso a necessidade de Epicuro de formular outra concepção. Ora, πρόληψις diz respeito a uma operação do entendimento pautado sempre na sensação, logo, é para reivindicar a objetividade das sensações que se dá a alcunha desse termo. Λήψις se refere à “ação de guardar”, “receber” ou “aquilo que prende”. Já a preposição πρό indica algo “anterior”, “antes”, “antecipadamente”, aponta sempre para uma anterioridade, nunca *a priori*, mas tomando sempre a experiência como ponto de partida. Quando ligada à λήψις, indica uma ação de captação das representações recebidas ou apreendidas previamente, como diz Epicuro na *Epistola a Heródoto*, uma “representação que recebemos com a impressão direta no entendimento ou nos órgãos sensoriais”<sup>24</sup>.

<sup>22</sup> CÍCERO, *De Nat. Deor.* I, XVII, 45: “É preciso, portanto, colocar nomes novos em coisas novas, assim como fez Epicuro com o termo πρόληψιν, termo que ninguém antes dele designou com este sentido”. [sunt enim rebus novis nova ponenda nomina, ut Epicurus ipse πρόληψιν appellavit, quam antea nemo eo verbo nominarat].

<sup>23</sup> Jean Brun rejeita o termo “conceito” por julgá-lo estranho à filosofia de Epicuro: “Cícero traduz o termo grego [*prólepsis*] por *anticipatio* ou por *praenotio*; se as duas traduções portuguesas *antecipação* ou *pré-noção* são aceitáveis, a de conceito, algumas vezes, não o é; nada é mais estranho à filosofia de Epicuro do que essa terminologia racionalista” (BRUN, 1987, p. 52).

<sup>24</sup> *EHe*, 50: καὶ ἦν ἂν λάβωμεν φαντασίαν ἐπιβλητικῶς τῇ διανοίᾳ ἢ τοῖς αἰσθητηρίοις.

Epicuro usa o termo apenas quatro vezes. Uma vez no passo 72 da *Epístola a Heródoto*, quando trata da investigação acerca do tempo: segundo Epicuro, o tempo não pode ser considerado como “*prólipseis* em nós mesmos, mas como evidência imediata”<sup>25</sup>. E outra vez no passo 124 da *Epístola a Meneceu* relativo às *prólipseis* dos deuses. Em relação aos deuses, Epicuro contrasta a “veracidades das antecipações” com as “falsas suposições”: “portanto, não são antecipações, mas falsas suposições as afirmações da maioria sobre os deuses”<sup>26</sup>. Outras duas vezes o termo é usado nas *Máximas Capitais* XXXVII e XXXVIII. Curiosamente, na *Máxima* XXIV, Epicuro usa, ao mencionar os critérios, “projeção imaginativa do entendimento” (φανταστικὴν ἐπιβολὴν τῆς διανοίας) juntamente com a “sensação” (αἴσθησιν) e a “afecção” (πάθος), não usando, portanto, o termo antecipações. Também nos passos 55 (τὰ πάθη καὶ τὰς αἰσθήσεις) e 68 (τὰ πάθη καὶ τὰς αἰσθήσεις) curiosamente não aparecem as antecipações.

Os usos do termo aparecem, portanto, em contextos bem diferentes. Nas *Máximas*, por exemplo, embora avesso à política, Epicuro não deixou de tratar das questões sobre o justo e o bem comum. Para Epicuro, só pode haver leis justas se estiverem em conformidade com as antecipações dos justos, isto é, se houver precedentes de justiça ou mesmo se atos justos forem reincidentemente vivenciados. Aqui há, mais uma vez, uma clara recusa ao idealismo clássico de cunho platônico, pois para ele não há leis justas ou injustas *em si*, só são justas ou não, úteis ou prejudiciais “conforme à prenoção de justiça” (εἰς τὴν πρόληψιν τὰ νομισθέντα), conforme os fatos e não segundo as “noções vazias” (φωναῖς κεναῖς). Em outras palavras, a justiça é legitimada nas ações dos justos.

<sup>25</sup> *EHe*, 72: ἡμῖν αὐτοῖς προλήψεις, ἀλλ' αὐτὸ τὸ ἐνάργημα (tradução levemente modificada).

<sup>26</sup> *EPI*, 124: οὐ γὰρ προλήψεις εἰσὶν ἀλλ' ὑπολήψεις ψευδεῖς αἱ τῶν πολλῶν ὑπὲρ θεῶν ἀποφάσεις (tradução levemente modificada).

Cícero foi o primeiro a verter o termo grego *prólepsis* para o latim, traduzindo-o por *antecipatio*, *praenotio* e *innatas cognitiones*<sup>27</sup>. A tradução para *innatas cognitiones* parece resultar de uma má interpretação da filosofia de Epicuro por parte de Cícero ou, no mínimo, de um equívoco muito sutil que acabou passando imperceptível pela tradição que se debruçou sobre a filosofia de Epicuro. É evidente que “conhecimento inato”, *a priori* no sentido rigoroso do termo, o que traduz *innatas cognitiones*, na física epicúrea seria impossível, uma vez que, como já fora afirmado, todo conhecimento deriva das sensações (DL, X, 32); logo, uma perspectiva *a posteriori*, na experiência sensível, e nunca algo já existente no indivíduo e que anteceda o intelecto humano. É bem verdade que Cícero tinha consciência de que o conhecimento, para Epicuro, é derivado necessariamente das sensações, por isso aponta Spinelli acerca do equívoco de Cícero:

quanto ao suposto equívoco promovido por Cícero, pode ter sido apenas resultado de uma má interpretação de suas proposições, visto que ele manifesta plena consciência de que as *ideias* em Epicuro não são derivadas de outra fonte senão das sensações: da experiência natural humana perceptível. (SPINELLI, 2013, p. 4)

Destarte, para evitar o equívoco promovido por Cícero, deve-se ter em mente que as *antecipações* ou *prenoções* não devem ser pensadas como “conceitos inatos”, mas sim como uma “ideia universal” (καθολικὴ νόησις, DL, X, 33), ou seja, universalizada pelo entendimento, formulada a partir das vivências, dos sentimentos ou “das afecções” (τὰ πάθη) reincidentes – devendo se opor a uma “ideia particular” (ἐκαστὴ νόησις) – já experimentados sensivelmente e acumulados na *psykhé*. O filósofo francês e historiador da filosofia Émile Bréhier também chama atenção para que não se confunda a *prólepsis* com uma “coisa imaginária”, mais sim deve-se

<sup>27</sup> DND, I, XVI, 44; I, XVII, 45.

entendê-la como uma coisa realmente “existente”<sup>28</sup>. A noção de “conceitos inatos”, como muitas vezes se traduz o termo *prólepsis*, remonta a uma concepção metafísico-inatista, encontrada desde Platão, a qual deve ser afastada de todo contexto filosófico epicúreo, para que não se confundam os limites sensistas da filosofia de Epicuro. Também nas palavras de José Luiz Garcia Rúa (1996, p. 42): “recusamos, já de entrada, qualquer procedimento que recorra a descontextualizar o pensamento de Epicuro, situando-o em um âmbito inatista-intuicionista”. Portanto, embora tenha sido infeliz a escolha do termo *innatas cognitiones* por Cícero, fato é que o sentido originário foi mantido, não devendo se perder na tradição posterior.

Lucrécio também propôs suas traduções para o termo *prólepsis*. A concepção lucreciana é mais consistente e melhor compreendida para além de uma tradução, ou seja, é antes de tudo uma interpretação do processo ao qual a *prólepsis* se refere. Ele não se prendeu apenas ao processo de conversão do termo de uma língua para outra, preferindo, por sua vez, como um bom epicurista que era, não apenas compreender o significado literal do termo, mas, diferentemente de Cícero, entendeu-o dentro de suas pretensões filosóficas mais abrangentes, levando em conta a proposta sensista segundo a qual, para Epicuro, o fluxo das imagens, isto é, a descrição da teoria da emissão dos simulacros na qual as “películas arrancadas da superfície [dos corpos] e que voejam de um lado a outro pelos ares” (*De Rer. Nat.*, IV, 35-36) como uma transmissão de conteúdos reais, que chega a seu destino final transforma-se em informações (*notitiae*). Para Lucrécio, a *prólepsis* epicúrea é antes de tudo “notificação” ou “noção”, o que traduz os termos por ele utilizados no *De rerum natura*, a saber, *notitia* e *notities*<sup>29</sup>. Acertadamente

<sup>28</sup> “la prénotion n’est jamais la notion d’une chose imaginaire, mais celle d’une chose existante; [...] l’appelle perception ou opinion droite: la prénotion implique un jugement d’existence évident ; notre expérience passée” (Cf. BREHIER, 1928. p. 233).

<sup>29</sup> Para mais informações, conferir a nota 36 do capítulo III da IIª Parte de SPINELLI, 2013, p. 216: *De Rer. Nat.*: a) *notities*, IV, v. 479, V, vv. 182 e 1045; b) *notitia*: II, v. 745, IV, vv. 476 e 857, V, v. 124.

compara a *prólepsis* a um exemplar (*exemplare*): “o exemplar das grandes coisas e o vestígio para as *notitiae* que a respeito das coisas podemos ter” (*De Rer. Nat.*, IV, 35–36).

Todavia, uma noção fundamental une ambos os pensadores romanos, embora sejam tão antagônicos, isto é, tanto para Cícero como para Lucrecio, a *prólepsis* vincula-se necessariamente às experiências adquiridas na sensibilidade. Ela é motivo de crítica negativa para Cícero e positiva para Lucrecio. E, portanto, incita a pergunta propriamente pela origem do conhecimento: o que é o conhecimento e como se conhece? Epicuro responderia da seguinte forma: é ter no entendimento um conceitual universal correspondente ao sensível particular tantas vezes sentido e experienciado. Essa noção está de certa forma presente em outros autores antigos, como, por exemplo, Sexto Empírico e, com umas poucas diferenças, também em Aristóteles, que, embora pense a experiência derivada da memória, reconhece a formação de uma unidade conceitual:

Enquanto os outros animais vivem com imagens sensíveis [*phantasiais*] e com recordações [*mnématis*], e pouco participam da experiência, o gênero humano vive também da arte e do raciocínio [*tékhnē kai logismós*]. Nos homens, a experiência deriva da memória. De fato, muitas recordações do mesmo objeto chegam a construir uma experiência única (*Metafísica*, 980b).

Segundo Diógenes Laércio, Epicuro entende que a *prólepsis* é uma retenção mnêmica ( $\mu\eta\mu\eta\sigma\iota\varsigma$ <sup>30</sup>) constituída empiricamente a partir do que afeta os sentidos e nunca uma simples recordação ( $\acute{\alpha}\nu\acute{\alpha}\mu\eta\eta\sigma\iota\varsigma$ ) do que desde sempre esteve impresso na alma. Portanto, trata-se de uma atividade da *psykhé*, de um acionamento das diversas experiências vividas, isto é, de uma pluralidade de experiências que deixaram marcas ( $\tau\acute{\upsilon}\pi\omicron\iota$ ) impressas na *psykhé*, como precisa Jean

<sup>30</sup> A afirmação de que a *antecipação* é uma memória deixa clara a função tanto da faculdade da sensibilidade, que não produz memória, e a operação do entendimento, que supera as sensações e guarda na *psykhé* as diversas experiências, ou seja, produz memória do que foi experimentado na sensibilidade.

Brun (1987, p. 52): “uma sensação várias vezes repetidas deixa em nós uma marca (τύπος) que é clara, evidente (ἐναργής), dá-nos a possibilidade de preceder (προλαμβάνειν) a sensação em função das marcas que deixaram em nós as anteriores sensações semelhantes”. São essas experiências guardadas que garantem a possibilidade da articulação coerente da linguagem entre as coisas percebidas e os conceitos ou significados empregados para designar cada coisa. Mas não só isso; são elas também garantidoras da existência humana. Dessa forma, as diversas culturas, ciências e todo conhecimento humano são constituídos a partir das *prolépseis* e são transmitidos às gerações futuras. Para se verificar a correta aplicação dos conceitos às coisas, basta buscar na sensação sua correspondência sensível, e este, enquanto um significado óbvio, isto é, uma “ideia primeira” (πρώτον ἐννόημα), o que, por sua vez, como afirma Epicuro, “não necessita de demonstração” (καὶ μηθὲν ἀποδείξεως προσδεῖσθαι<sup>31</sup>); em outras palavras, “as antecipações são evidentes” (ἐναργεῖς οὖν εἰσιν αἱ προλήψεις, DL, X, 33).

Assim sendo, deve-se rejeitar toda e qualquer correspondência com a teoria da *anámneseis* de Platão, visto que na reminiscência platônica há um caráter dialético-metafísico presente na sua concepção de *psykhé*, a qual consegue “recordar”, extraindo de si mesma, apenas com o auxílio da sensibilidade, o verdadeiro conhecimento, isto é, aquele que é conforme a “essência eterna”. A relação com os particulares, embora necessária, não é o suficiente para se chegar ao conhecimento da forma (εἶδος), segundo Platão. Ora, questiona Sócrates a Símiias: “mas o que diremos das aquisições da inteligência? O corpo é ou não é um obstáculo, quando se associa com esta análise? [...] Visto que, se estes dois sentidos [olhos e ouvidos] são inseguros, então, os outros o serão ainda mais, uma vez que são inferiores a eles” (*Menon*, 87b). Se, para

---

<sup>31</sup> Esse caráter de obviedade da “primeira ideia” (*próton ennóema*) rejeita toda e qualquer “necessidade de demonstração”. *EHe*, 38.

Epicuro, o que há são impressões sensíveis guardadas na *psykhé*, *introduzidas* por intermédio do corpo (σώμα), em Platão, predominam os aspectos eidéticos e *eternos* vivenciados pela *psykhé* e estranhos ao corpo e de outra natureza, mas que são “autorizados” pela faculdade da percepção (αἴσθησις) na sua relação com os particulares (ἕκαστον); isto é, para Platão, trata-se de relacionar-se com os particulares para que haja a recordação de um conhecimento (ou formas) já preexistente na *psykhé* e anterior ao corpo,

de forma que é necessário, ou que nascamos com esse conhecimento e que os preservemos no decorrer de nossa existência, ou que aqueles que aprendem, da mesma maneira que ocorre conosco, só lembram, e o aprendizado é uma mera recordação [...] Portanto, Símiias, nossas almas existem antes de que surgissem sob a forma humana, e mesmo quando não possuímos corpo já tinham o conhecimento (*Menon*, 86a).

Portanto, esse neologismo epicúreo engendrado em sua filosofia é, de certa forma, uma ruptura com um possível inatismo legado à posteridade pela filosofia clássica fortemente idealista, sobretudo a filosofia platônica marcada pela *Teoria das Ideias*, algo que Epicuro relutantemente recusa a aceitar em sua filosofia marcadamente sensista e anti-idealista. Jean-François Balaudé, por exemplo, vê também o termo *prólepsis* como uma resposta ao paradoxo do *Ménon*<sup>32</sup>, no qual Platão introduz a hipótese da reminiscência (*Menon*, 82a-86c), ou seja, quando Sócrates leva o jovem escravo de Ménon a “rememorar” (ἀναμνήσκεσθαι), superando ideia por ideia, conteúdos que “já antes conhecia” (πρότερον ἠπίστατο, *Menon*, 81c); neste caso, as linhas e figuras do quadrado que o leva ao problema que consiste na aquisição do conhecimento. Embora o diálogo se inicie com o questionamento se a virtude (ἀρετή) é algo que se ensina ou não, o resultado do interrogatório conclui-se da seguinte forma:

---

<sup>32</sup> BALAUDÉ, Jean-François, in: ÉPICURE. *Lettres, maximes et sentences*, 1994, p. 36.

“SO. Mas se não é por ter adquirido [a ciência] na vida <que as tem>, não é evidente, a partir daí, que em outro tempo as possuía e as tinha aprendido? MEN. É evidente. SO. E não é verdade que esse tempo é quando ele não era um ser humano? MEN. Sim.” (*Menon*, 86a)

A noção de *prólepsis*, portanto, evita esse modelo platônico que concebe as ideias existentes “em si e por si” (αὐτὸ καθ’ αὐτὸ) ou, como bem se expressa nas palavras de Sócrates, ou seja, que o escravo (em sua alma) as tinha “quando ele não era um ser humano” (ὅτ’ οὐκ ἦν ἄνθρωπος, *Menon*, 86a), mas que necessitaria das sensações para recordá-las com auxílio de um mestre que lhe faça pensar nas proposições enunciadas. Típico da dialética platônica. Na gnosiologia epicúrea nada precisa ser lembrado, pois não há uma *psykhé* que uma vez contemplou as ideias antes mesmo de encarnar um corpo humano. Para Epicuro, não há vida (*psykhé*) fora do corpo e a morte é entendida como a perda das capacidades subjetivas, ou seja, nas palavras do próprio Epicuro: “a morte é, portanto, privação das sensações”<sup>33</sup>. Como visto anteriormente, tudo está dado nas experiências objetivas. Ora, o que Platão chama de *anámnēsis*, isto é, a rememoração das ideias antes conhecidas, Epicuro chama de *prólepsis*, a antecipação, ou seja, uma noção-imagem na *psykhé* a partir das reincidentes experiências. Dessa forma, o contato com os entes particulares não pressupõe uma *forma eterna e imutável*, isto é, um εἶδος, mas sim representações imagéticas (εἰδῶλα) destes entes particulares no entendimento, fruto da experiência com o mundo dado.

Portanto, Epicuro chama de *prólepsis* o resultado adquirido proveniente das sensações, e que se fundamenta como o conjunto das elaborações intelectivas que é o objeto do entendimento. As *prólepseis* são responsáveis pelo raciocinar e pelos juízos dos entes

<sup>33</sup> *EMe*, 124: στέρησις δέ ἐστιν αἰσθήσεως ὁ θάνατος.

confrontados na percepção sensível, isto é, afirmar que “todo corpo exposto ao sol aquece” é resultado de uma relação entre diversas *prolépseis*: a de corpo, de sol e da ação de aquecer. Ora, todos esses conceitos foram uma vez experienciados, portanto, o enunciado *todo corpo exposto ao sol aquece* é verdadeiro por serem todos esses conceitos advindos das recorrentes experiências. Também, pela própria articulação da linguagem – tanto dos sinais *sonoros* (φθόγγος<sup>34</sup>) como dos *visuais* (γραφή). No entanto, um dado ente particular jamais poderia ser nomeado caso o entendimento não dispusesse da capacidade de “guardá-los” por causa das experiências passadas. Sendo assim, há um trabalho concomitante entre o entendimento (διάνοια) e as sensações (αἰσθήσεις), e juntos possibilitam a apreensão real (οἶονεὶ κατάληψιν) dos entes e a criação dos conceitos que se referem a estes entes. Portanto, isto é resultado direto dos conteúdos preexistentes e impressos na *psykhé*, ou seja, como afirma Epicuro: “mediante a impressão das coisas externas em nós” (ἐναποσφραγίσαιτο τὰ ἔξω τὴν ἑαυτῶν, *EHe*, 49). Esta relação é explicitada de forma muito clara e direta por Hegel em suas *Lições sobre a história da filosofia* (1955, v. 1, p. 383):

Epicuro [...] sente uma *metafísica* acerca das relações entre nós e os objetos, pois a sensação e a intuição são consideradas por ele em seguida como uma relação entre nós e as coisas exteriores, de tal modo que Epicuro estabelece as representações em mim e os objetos fora de mim.

Nesse sentido, diz-se da capacidade que o entendimento (διάνοια) tem de projetar-se, antecipando as sensações por já tê-las fixadas na *psykhé*; assim, é possível falar verdadeiramente de algo ausente, embora presente no entendimento. É possível, por exemplo, precisar que a *Tour*

---

<sup>34</sup> φθόγγος, “som”, “palavra”, “voz”, refere-se a todo som claro e distinto, principalmente o som pronunciado pelo homem, por isso “palavra”.

*Eiffel* é uma treliça de ferro construída no final do século XIX e localizada no *Champ de Mars*, em Paris, estando em qualquer parte do mundo. Percebe-se, portanto, que a antecipação de algo depende tanto da receptividade passiva dos órgãos sensoriais, receptores de imagens (εἶδωλα), como da atividade do entendimento, caracterizado pelo que chamou Epicuro de “projeções do entendimento” (ἐπιβολὰς τῆς διανοίας). Epicuro afirma ainda em sua *Epístola a Heródoto* que “é necessário considerar que é pela penetração em nós de qualquer coisa vinda de fora que vemos as formas das coisas e fazemos delas objetos de nosso entendimento”<sup>35</sup>. Logo, a ideia nunca precede a experiência, mas o ser humano nasce “potencializado” – pelas faculdades da sensibilidade e do entendimento – para adquirir, o que Epicuro chamou de as “primeiras imagens mentais”<sup>36</sup> (πρῶτον ἐννόημα) dos entes percebidos e universalizar conceitualmente tais imagens, isto é, guardá-las na *psykhé* como ideias universais.

Ora, esta *próton ennóema*, pode-se dizer, é uma primeira afetação, ou seja, antes mesmo de ser um “conceito” ou uma “ideia” (ἐννοια) é uma “imagem-impressão” (τύπος) nos órgãos dos sentidos. Vale ressaltar ainda que essas “imagens-ideias”, uma vez armazenadas, podem insurgir nas “visões dos loucos e nos sonhos”<sup>37</sup>, muitas vezes desordenadas, mas sempre verdadeiras, pois movem (κινεῖ) o interior. Também as “estátuas”, “quadros” ou “pinturas” (εἰκόνες, *EHe*, 51), as obras dos artistas que imitam a realidade, são também frutos das antecipações, pois, uma vez percebidas e guardadas no pensamento, são reproduzidas sensivelmente em representações quase idênticas, como *La Gioconda* (Mona Lisa) de Da Vinci ou

<sup>35</sup> *EHe*, 49: δεῖ δὲ καὶ νομίζειν ἐπεισιόντος τινὸς ἀπὸ τῶν ἔξωθεν τὰς μορφὰς ὁρᾶν ἡμᾶς καὶ διανοεῖσθαι (tradução levemente modificada).

<sup>36</sup> *EHe*, 38. “Imagem mental” representa bem o conteúdo propriamente filosófico epicúreo, pois os conceitos (ἐννοια) são, antes de tudo, imagens dos corpos externos que penetram a estrutura sensitiva convertendo-se em dados noéticos, isto é, conceitos ou ideias discursivas.

<sup>37</sup> DL, X, 32. τὰ τε τῶν μαινομένων φαντάσματα καὶ κατ' ὄναρ ἀληθῆ. (Cf.: BOLLACK; LAKS, 1976, p. 30)

o *David* de Michelangelo. Diógenes Laércio, entendendo a dificuldade desse neologismo epicúreo e suas aplicações, muito se esforçou para tornar clara a noção de *prólepsis*:

Em relação à *prólepsis*, fala-se dela como se de uma apreensão real ou uma opinião correta, ou intuição ou ideia universal residente em nós, diz-se como memória do que muitas vezes se há mostrado no exterior, como por exemplo: “aquele de tal aspecto é um homem”. Porque enquanto se pronuncia a palavra “homem” imediatamente de acordo com a *prólepsis* a imagem deste é pensada, sendo os sentidos seus introdutores prévios<sup>38</sup>.

Como visto, Epicuro usou o termo, mas coube a Diógenes Laércio especificá-lo, tornando-o claro e compreensível para o grego. Da mesma forma procedeu Lucrecio vertendo-o para o latim. A descrição de Diógenes Laércio no passo supracitado evidencia quatro formas terminológicas para se referir à noção de *prólepsis* usada por Epicuro, sendo, portanto: “compreensão” ou “apreensão real” (κατάληψις), “opinião correta” (δόξα ὀρθή), “pensamento” ou “conceito” (ἔννοια) e “ideia universal” (καθολικὴ νόησις). Todavia, como compreensão é também uma representação evidente, uma opinião correta, diz-se de um ajuizamento pautado nas sensações ou obtido por inferência; já pensamento ou conceito e, também, ideia universal se referem, provavelmente, a uma única noção, repetida por Diógenes Laércio como um recurso próprio da língua grega para enfatizar e reforçar esta noção que seria, muito provavelmente, a que melhor abarca a noção de antecipação (πρόληψις).

Discordo, portanto, de alguns comentadores como Jean Brun, Alain Gigandet e Miguel Spinelli, os quais entendem as quatro formas de compreensão, atribuídas a Epicuro, como absolutamente distintas, ou seja, para eles seriam dois conceitos distintos que se referem a

---

<sup>38</sup> DL, X, 33: Τὴν δὲ πρόληψιν λέγουσιν οἰονεὶ κατάληψιν ἢ δόξαν ὀρθὴν ἢ ἔννοιαν ἢ καθολικὴν νόησιν ἐναποκειμένην, τοιούτων μνήμην τοῦ πολλάκις ἔξωθεν φανέντος, οἷον τὸ τοιοῦτόν ἐστιν ἄνθρωπος· ἅμα γὰρ τῷ ρηθῆναι ἄνθρωπος εὐθύς κατὰ πρόληψιν καὶ ὁ τύπος αὐτοῦ νοεῖται προηγουμένων τῶν αἰσθήσεων.

elementos diferenciados no âmbito do entendimento. Isto porque a compreensão de “conceito”<sup>39</sup> (ἔννοια), separada de “ideia universal” (καθολικὴ νόησις), torna-se demasiada estranha ao *sensismo* epicúreo, uma vez que *prólepsis* é o resultado intelectual proveniente das sensações (independente de ser qualquer coisa acrescida pelas intervenções de Diógenes Laércio) e que se fundamenta como o conjunto das elaborações intelectivas que é o objeto do entendimento.

Ainda no que tange a essa descrição, Diógenes Laércio afirma que “também aquilo que constitui uma opinião nova depende de uma visão anterior imediatamente evidente, à qual já nos referimos, quando, por exemplo, dizemos: ‘como sabemos que isto é um homem?’”<sup>40</sup>. Em outras palavras, o que Diógenes Laércio claramente considera nesse parágrafo é que a impressão (τύπος) “homem”, como qualquer outra, como, por exemplo, a “figura de um cavalo e de um boi” (ἵππου καὶ βοῶς μορφήν), já havia sido conhecida mediante experiências anteriores através das projeções imagéticas, por isso poderia ser assim denominada e conclui, afirmativamente, que “nada poderia ser nominado se anteriormente não fosse percebida sua impressão por antecipação”<sup>41</sup>.

Por fim, Epicuro também trata das *prolépseis* relativas às divindades (τὸ θεῖον), mas que, por questão de delimitação do tema, não será abordado aqui, senão despretensiosamente. Destarte, para fazer jus ao que se pode investigar, vale salientar, e recorrer acertadamente ao fragmento de Heráclito: “a maioria das coisas divinas escapa ao conhecimento por falta de confiança”<sup>42</sup> e que, segundo Epicuro, se diria por falta de confirmação (μαρτύριον) dos sentidos.

<sup>39</sup> Um conceito (ἔννοια) é uma universalização de ideias provenientes das sensações, isto é, ao ponto que essas ideias surgem com base nas aparições é possível nomear o que aparece ao ponto da universalização conceitual (καθολικὴ νόησις).

<sup>40</sup> DL, X, 33: καὶ τὸ δοξαστὸν ἀπὸ προτέρου τινὸς ἐναργοῦς ἤρηται, ἐφ' ὃ ἀναφέροντες λέγομεν, οἷον Πόθεν ἴσμεν εἰ τοῦτό ἐστιν ἄνθρωπος;

<sup>41</sup> DL, X, 33: οὐδ' ἂν ὠνομάσαμέν τι μὴ πρότερον αὐτοῦ κατὰ πρόληψιν τὸν τύπον μαθόντες.

<sup>42</sup> DK 22 B 86; PLUTARCO, *Coriolano*, 38: ἀλλὰ τῶν μὲν θείων τὰ πολλά, καθ' Ἡράκλειτον, ἀπιστίη διαφυγγάνει μὴ γινώσκεσθαι.

Deve-se considerar verdadeira por também não ser refutada pelos mesmos sentidos, ou seja, a evidência dos sentidos “não a contradiz” (μὴ ἀντιμαρτυρῆται), logo, não se pode explicar a divindade com base única no critério da sensibilidade (αἴσθησις), quesito necessário para a fundamentação do conhecimento verdadeiro, mas apenas se admite sua evidência pelo simples fato de que de alguma forma – não bem explicada por Epicuro e largamente criticada por Cícero (*De Nat. Deor.* I, XXV, 71-72) – essas impressões chegam à estrutura sensitiva, o que levou Epicuro a distinguir uma “προλήψεις εἰσὶν” (antecipação real) de uma “ὑπολήψεις ψευδεῖς” (suposições falsas) (*EMe*, 124). Todavia, são as *prolépseis* derivadas das experiências, ou seja, das “projeções presentes” (παρούσας ἐπιβολὰς) que caracterizam o objeto fundamental da gnosiologia epicúrea.

### 1. Compreensão Imediata (*Katálepsis*)

Por “compreensão” ou “apreensão” (κατάληψις) entende-se também uma “representação evidente” (embora, para representação, Epicuro use φαντάσματα), ou “imediata”, uma apreensão assentida. Segundo Diógenes Laércio, os estoicos Crísipo, Antípatro e Apolodoro “definem o critério da verdade como apreensão imediatamente à realidade, ou seja, que procede do existente”<sup>43</sup>. No X livro de Diógenes Laércio, dedicado a Epicuro, o termo *katálepsis* só aparece no parágrafo 33 como referência a *prolépsis*. Diz-se, também, de uma “ação de agarrar com a inteligência”<sup>44</sup>, logo, “compreensão, percepção”<sup>45</sup>, não sendo, portanto, para os estoicos, uma impressão sensível. Esse termo fora introduzido pelo estoico Zenão de Cítio também como um

<sup>43</sup> DL, VII, 54: Κριτήριον δὲ τῆς ἀληθείας φασι τυγχάνειν τὴν καταληπτικὴν φαντασίαν, τοιούτοι τὴν ἀπὸ ὑπάρχοντος, καθά φησι Χρῆσιππος ἐν τῇ δευτέρᾳ τῶν Φυσικῶν καὶ Ἀντίπατρος καὶ Ἀπολλόδωρος.

<sup>44</sup> περίνοια: diz-se do que está ao alcance do entendimento.

<sup>45</sup> Segundo o dicionário Bailly Grego-Francês, “action de saisir par l’intelligence, conception, compréhension”.

termo técnico para designar toda e qualquer apreensão da realidade com a qual o entendimento se relaciona. Tanto a *prólepsis* epicúrea como a *katálepsis* dos estoicos fazem referências à ação de apreender algo, portanto, a distinção entre os termos é marcada pela preposição escolhida. “πρό” indica que algo é antecipado; no caso de *prólepsis*, o dado é antecipado como conhecimento pela faculdade do entendimento. Já “κατά”, prefixo em *katálepsis*, indica um elemento intensivo de efetividade<sup>46</sup>, e não apenas traduz a ideia de “abaixo de”, “através de”; ou seja, refere-se a uma apreensão completa e efetiva, sendo portanto – e aqui marca sutilmente a distinção com Epicuro – a *kataleptikè phantasía* o critério de verdade para os estoicos.

É bem verdade que está posta por Diógenes Laércio, ao se referir ao termo *katálepsis*, já no início do parágrafo 33, uma clara relação entre a filosofia de Epicuro e a dos estoicos no que diz respeito à concepção de critério de verdade. A sensação (αἴσθησις) tem basicamente a mesma função em ambas as filosofias, desdobrando-se em duas imagens distintas “a imagem física [que se desprende dos corpos], o simulacro, e a imagem psíquica, a representação (*phantasía*)” (PESCE, 1981, p. 51). Todavia, essas réplicas (εἴδωλα) que se desprendem dos objetos e que reproduzem figurativamente suas cavidades (κοιλώματα) e superfícies (λεπτότητες), como uma estrutura atômica objetiva, constituída somaticamente, e que produzem as impressões pelo impacto de um corpo sobre a sensibilidade, este impacto é refletido pelo entendimento e transformado em uma ‘noção mais geral’, um conceito derivado da sensibilidade, ou seja, uma representação (φάντασμα); assim explica, portanto, Diógenes Laércio no livro VII de sua obra dedicado aos filósofos estoicos:

---

<sup>46</sup> Cf. VINE; UNGER; WHITE, 2003, p. 392.

A apresentação (ou impressão mental) é uma impressão na alma, e tirou-se o seu nome adequadamente da marca feita por um sinete na cera. Há duas espécies de apresentação; uma apreende imediatamente a realidade, e a outra apreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez (DL, VII, 45, 46).

Todavia, a noção de *katálepsis* parece ser de menos importância para Epicuro. Na verdade, esse termo é utilizado por Diógenes Laércio apenas em relação aos epicuristas e não acrescenta em nada ao uso do termo na filosofia epicúrea propriamente. Defender-se-á aqui, portanto, que a utilização desse termo por parte de Diógenes Laércio tem o mero intuito comparativo, ou seja, ele pretende explicitar e tornar claro um “novo termo”, como também marcar uma relação distinta entre o trato dos epicuristas e dos estoicos em relação a tudo aquilo que, derivando-se das sensações, é capaz de ser objeto do entendimento, sendo, portanto, parte explicativa da frase “e contribuindo, assim, com alguma coisa o raciocínio”<sup>47</sup>. Como contribui o raciocínio (λογισμός) dentro dessa perspectiva sensista? Tendo em vista que o significado mais expansivo do termo *logismós* é ato ou operação do pensamento por meio da *psykhé*<sup>48</sup>, a esta pergunta responde Diógenes Laércio introduzindo a noção de *prólepsis*; ou seja, aquilo que o entendimento opera, manipulando os dados sensíveis, tem como resultado as noções gerais que são obtensões por meio do *logismós*, o que chega a afirmar Figueira:

O *logismós*, ou cálculo, raciocínio, ou ainda “mecanismo” ou “instrumento” do pensar é, para Epicuro, o que torna possível a elaboração do pensamento (*diánoia*). É também o que possibilita as analogias que conduzem o pensamento desde as impressões sensíveis às elaborações de explicações sobre tudo o que não é percebido pelos sentidos. (FIGUEIRA, 2012, p. 118)

---

<sup>47</sup> DL, X, 32: συμβαλλομένου τι καὶ τοῦ λογισμοῦ. (Tradução nossa).

<sup>48</sup> Cf. FIGUEIRA, 2013, pp. 72-74. Nessa perspectiva, Figueira ainda acrescenta que “enquanto uma operação da alma tem a finalidade de, na medida do possível, livrá-la do erro e do engano nos julgamentos e opiniões que ele venha a manifestar, o que, em certa medida, justifica chamá-lo o instrumento da parte racional da *psykhé* (*logismós*).

Reconhecendo a insuficiência do tratamento dado por Epicuro ao termo *katálepsis*, como também a falta de interesse por grande parte dos diversos comentadores da filosofia de Epicuro, vale afirmar que o próprio Epicuro recusa a utilização do termo *katálepsis* e prefere forjar seu próprio conceito, este, por sua vez, mais significativo e carregado de um caráter discursivo que garante ao pensamento não apenas “agarrar”, isto é, apreender, mas também comunicar-se. Todavia, a *prólepsis* epicúrea não apenas dá início, mas constitui o universo da linguagem numa esfera natural, rompendo com a proposta platônico-transcendentalista. Ora, Epicuro é um pensador da imanência e seus conceitos são mundanos.

## 2. Opinião Correta (*Dóxa Orthé*)

Enquanto uma “opinião correta” (*δόξα ὀρθή*), segunda definição do conceito de *prólepsis* fornecida por Diógenes Laércio, deve-se, antes de tudo, estar pautada numa opinião “preenchida” (pela sensibilidade) e nunca numa “opinião vazia” (*κενή δόξα*, *EPI*, 87). Essa distinção é o que põe a sensibilidade como critério primeiro para verificação dos enunciados, que podem ser verdadeiros ou falsos, nunca admitidos juntos, verdadeiro e falso ao mesmo tempo. Numa relação entre verdade ou falsidade, também Aristóteles admite que ambas não podem subsistir (*μη ὑπάρχει*) juntas, “afinal, toda afirmação é verdadeira ou falsa” (*Da Interpretação*, IX, 35) necessariamente. Epicuro trata não de enunciado (*ἀπόφασις*) ou afirmação (*κατάφασις*), mas sim de opinião (*δόξα*), na mesma perspectiva, sempre como verdadeira (*ἀληθῆ*) ou falsa (*ψευδῆ*) e introduz a confirmação (*ἐπιμαρτυρηθήσεσθαι*) e a contradição (*ἀντιμαρτυρηθήσεσθαι*) dos sentidos como evidência:

Os epicuristas chamam também a opinião de suposição, e distinguem a opinião verdadeira da falsa; a opinião é verdadeira se a evidência dos sentidos a confirma ou não a contradiz; é falsa se a evidência dos sentidos não a confirma ou a contradiz<sup>49</sup>.

Esta segunda descrição de Diógenes Laércio acerca do conceito de *prólepsis* trata, portanto, de um ajuizamento seguro, de uma maneira de dizer o mundo como quando se diz – para citar Diógenes Laércio – “isto aqui é um homem” ou “aquilo que está distante é um cavalo ou um boi”<sup>50</sup>. Logo, dizer que algo é (ὄν) ou não é (μὴ ὄν), ou seja, corresponde ou não à realidade sensível, diz respeito à confirmação dos sentidos. Daí segue que só é possivelmente legítima a tradução de Cícero de *prólepsis* para “prenoção” (*praenotio*, *De Nat. Deor.* I, XVI, 44) caso se leve em consideração que nesta *notio* esteja contida, necessariamente, a noção de “uma ideia antecipada”, conectando-a à ideia de antecipação (*antecipatio*), que parece ser o mais apropriado, tendo em vista o problema gnosiológico como um todo, partindo da sensibilidade e chegando a seu *télos*, que é o entendimento. Essas ideias de homem ou cavalo ou boi são antecipadas na *psykhé* por intermédio das sensações, que ajuízam os objetos da percepção através dos raciocínios (λογισμός), reconhecendo, portanto, que “todas as nossas reflexões têm sua origem nas sensações”<sup>51</sup>, e são constituídas como uma “ideia primeira” (πρῶτον ἐννόημα<sup>52</sup>).

Fala-se de um juízo (κρίσις) em dois sentidos. No primeiro, um juízo interno, um *para-si*, isto é, quando se toma consciência do que é percebido e, imediatamente, formula-se uma noção conceitual (ἐννοια), ainda estando circunscrito a um exame, dado na relação *psykhé/*

<sup>49</sup> DL, X, 34: τὴν δὲ δόξαν καὶ ὑπόληψιν λέγουσιν, ἀληθῆ τέ φασι καὶ ψευδῆ· ἂν μὲν γὰρ ἐπιμαρτυρῆται ἢ μὴ ἀντιμαρτυρῆται, ἀληθῆ εἶναι· ἐὰν δὲ μὴ ἐπιμαρτυρῆται ἢ ἀντιμαρτυρῆται, ψευδῆ τυγχάνειν. ὅθεν <τὸ> προσμῆνον εἰσῆχθη· οἷον τὸ προσμῆναι καὶ ἐγγὺς γενέσθαι τῷ πύργῳ καὶ μαθεῖν ὅποιος ἐγγὺς φαίνεται.

<sup>50</sup> DL, X, 33: οἷον τὸ πόρρω ἐστὼς ἵππος ἐστὶν ἢ βοῦς”. (Tradução levemente modificada)

<sup>51</sup> DL, X, 32: καὶ γὰρ καὶ ἐπίνοιαί πᾶσαι ἀπὸ τῶν αἰσθήσεων γεγόνασιν.

<sup>52</sup> πρῶτον ἐννόημα, no sentido de uma *ideia óbvia*, como expressa Bollack: “C’est pas l’idée qui se presente em premier, l’idée obvie”.

*aísthesis*. No segundo sentido, trata-se do conteúdo externado a partir do que é pensado, uma emissão descritiva de um dado conteúdo, que mais se assemelha à noção de *krísis*<sup>53</sup>. Nas palavras de Miguel Spinelli, trata-se de um *juízo*, das “opiniões já formadas a partir de noções (*ennoías*) derivadas do projetar-se à mente de imagens (*phantastikên epibolên*) sorvidas no sensível” (SPINELLI, 2013, p. 144). Todavia, e isto é importante frisar, é da ordem do proferir que nasce o erro, ou o juízo incorreto. A natureza do “falso” (*ψεῦδος*) e do “erro” (*διημαρτημένον*) se origina, na perspectiva de Epicuro, “mediante uma opinião” (*προσδοξαζομένῳ*), ainda enquanto o primeiro impulso da articulação das imagens, no âmbito da *dóxa*, afirma ele: “o falso [juízo] e o erro encontram-se no que é colocado pela opinião”<sup>54</sup>. Tal afirmação retira da estrita sensação a possibilidade do engano, pois não há erro no *sentir* nem a faculdade sensitiva produz erros, mas apenas na emissão de juízos sobre o que é sentido.

Como *prólepsis*, *dóxa orthé* diz respeito a uma opinião interna que pode ou não se externar mediante um discurso (*λόγος*) ou uma opinião (*δόξα*), mas que reproduz, necessariamente, uma retidão, textualmente expressa pelo uso do adjetivo *orthé*, que indica uma justeza entre o ente percebido e o ser dotado de percepção, o homem. É correta (*ὀρθός*) também, uma opinião por já ter passado pelo critério da sensibilidade (*αἴσθησις*), o qual é sempre verdadeiro, tornando-se, todavia, um conteúdo *noético* que não recorre a uma idealidade pura, mas que antecede a experiência possível, aparentemente respondendo tanto a Platão, que postula a *anamnese* na teoria da das ideias, num quadro mítico, como a Aristóteles no que diz respeito às definições lógicas. A solução de Epicuro para ambos os problemas que perpassam seu

<sup>53</sup> κρίσις, “decisão, juízo, sentença”. Fala-se também de uma faculdade de separar ou discernir. Cf. ISIDRO, Pereira, S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. Κρίσις aparece uma única vez nos texto de Epicuro, *Máxima Capital XXIV*, 147. “... pois conservarás toda forma de desacordo em todo juízo [*krísis*] sobre o que é correto ou o que é incorreto”.

<sup>54</sup> *EHe*, 50: τὸ δὲ ψεῦδος καὶ τὸ διημαρτημένον ἐν τῷ προσδοξαζομένῳ. (Tradução levemente modificada).

tempo é afirmar que nada antecede o que é da ordem da sensibilidade, logo, não há conhecimento adquirido pela *psykhé* antes das experiências mundanas, como também as coisas não são por si mesmas, mas, necessariamente, tiveram um início, e este é a experiência.

### 3. Conceito (*Énnoia*) ou Ideia Universal (*Katholikè Nóesis*)

Sem incorrer no que chamou Miguel Spinelli de reducionismo de alguns comentadores<sup>55</sup>, por registrar ou enfatizar apenas um significado e não três ou quatro à noção de *prólepsis*, julgar-se-á aqui a noção de *katholikè nóesis* associada ao de *énnoia*, termo que melhor explica o conceito de *prólepsis*. Tal concepção pode ser definida como ‘delimitativa’ e não *reducionista*, pois intenta delimitar – e crê-se que é exatamente isso que faz Diógenes Laércio ao tentar definir *prólepsis* com todos aqueles substantivos – um conceito ainda desconhecido pelos filósofos de então<sup>56</sup>. Isso também evidencia a compreensão unitária entre pensamento ou conceito (*έννοια*) e ideia universal (*καθολική νόησις*). A conclusão a qual chega Diógenes Laércio é de que se trata, em última análise, de uma “recordação de algo que frequentemente se mostra de fora”<sup>57</sup>, e com isto parece que todos os comentadores concordam, como o próprio Spinelli reconhece: “todos também estão de acordo de que se trata de *rememoração* organizada a partir do sensível ou derivada do acúmulo de percepções a respeito de uma mesma coisa” (SPINELLI, 2013, p. 242).

---

<sup>55</sup> SPINELLI, 2013, p. 240. Dentre renomados comentadores, destacam-se Léon Robin, Farrington, Cyril Bailey, Jean Balaudé e André Laks.

<sup>56</sup> Entendemos que Diógenes Laércio se utiliza de todos esses termos explicativos para fornecer um sentido mais próximo do termo *prólepsis*. Seria impossível compreender esse termo sem o auxílio de outros termos já utilizados e consolidados na tradição filosófica grega.

<sup>57</sup> DL, X, 33: τουτέστι μνήμην τοῦ πολλάκις ἔξωθεν φανέντος. (Tradução nossa).

Como ideia universal (καθολικὴ νόησις), as *antecipações* opõem-se a uma ideia particular (ἐκαστὴ νόησις). Não devem nunca ser pensadas como “conhecimentos inatos” (*innatas cognitiones*), como traduziu Cícero. É preciso entender que ideia universal também não significa ideia eterna. É universal porque é o conjunto das particularizações. Essa vinculação situa-se na esfera da relação sujeito/objeto, sendo, na visão de Hegel, por exemplo, situada num proceder metafísico aos moldes da filosofia clássica – o que não é novidade –, em que os objetos são tomados como os elementos do mundo fora do intelecto “de tal modo que Epicuro estabelece as representações em mim e os objetos fora de mim” (HEGEL, 1955, p. 383). Todavia, um dado ente no mundo é nomeado (προσαγορεύω) pela concomitância com o mundo já dado e do sujeito apto que opera as relações múltiplas entre os entes do mundo e suas relações, situando assim Epicuro na galeria dos filósofos da ontologia tradicional<sup>58</sup>. Além de Hegel, Kant também falou das antecipações epicúreas ao tratar dos seus *a priori*, resguardando à noção de *aísthesis* as formas puras da sensibilidade, ou seja, aquilo que não pode ser objeto do conhecimento, mas é o que possibilita todo o conhecimento objetivo:

Pode chamar-se antecipação a todo o conhecimento pelo qual posso conhecer e determinar *a priori* o que pertence ao conhecimento empírico e é, sem dúvida, com esta significação que Epicuro usava a palavra πρόληψις [...] segue-se que a sensação é, propriamente, o que na verdade nunca pode ser antecipado (KANT, 1989, p. 202).

Dito de outra forma, tudo pode ser antecipado pelo entendimento, ou seja, “depositado” na *psykhé* e solicitado sempre que necessário. Em outras palavras, ser feito um conhecimento objetivo a exemplo do homem, do cavalo e do boi, assim também como qualquer dado que afete essa “estrutura somática perceptiva” (τὰ αἰσθητήρια), mas essa estrutura, o corpo humano por

<sup>58</sup> Cf.: EHe, 75 e LUCRÉCIO, *De Rer. Nat.*, V, 1041 *et seq.*

excelência, aos moldes dos *a priori* kantianos – espaço e tempo –, não pode ser antecipada pelo entendimento, restando à sensação em ato atestar sua existência. O que isso significa para teoria epicúrea da *prólepsis* é que tudo é percebido, mas o que a tudo percebe não é percebido por ele mesmo nem por nenhuma outra estrutura, podendo ser apenas pensado. Logo, o conceito de *aísthesis* ganha uma roupagem também metafísica, pois é possível falar dessa estrutura e lhe conferir existência absoluta sem que ela mesma seja confirmada por aquilo que é critério garantidor da verdade possível, isto é, ela mesma: a *aísthesis*<sup>59</sup>.

O lugar das *prólepseis* relativas à divindade (τὸ θεῖον) situa-se, mais precisamente, como uma ideia universal, não uma ideia adquirida da mesma forma como se adquirem as ideias de quente, doce, forte ou até mesmo belo ou bom, mas porque de alguma forma essas impressões ou essas imagens (εἰδωλα) chegaram até o aparato sensitivo, que na concepção epicúrea faz a ligação do conhecimento entre os corpos externos e os seres humanos. É com base nessa compreensão, antes de tudo onto-gnosiológica, que Cícero afirma que há em Epicuro a crença de que os deuses existem, explicando “por que a natureza imprimiu em todas as almas a noção deles [os deuses]”<sup>60</sup>. Aqui, natureza (φύσις) pode ser entendida como o que é real (ὄν). Todavia, essa ideia de divindade é tão forte no pensamento de Epicuro, que dela derivam duas predicções inobserváveis pela escassez textual, mas que Epicuro chega a afirmar, portanto, que “os deuses

---

<sup>59</sup> Esse argumento acaba caindo numa circularidade, mas vale salientar que Epicuro não pretende em nenhum momento de sua exposição validar o critério da *aísthesis* como demonstrações racionais plausíveis, recorrendo a uma única explicação, a da sensação enquanto ato de sentir, isto é, “a verdade das sensações [*aisthéseon alétheia*] é garantida pela existência efetiva das percepções imediatas [*epaisthémata*]” (DL, X, 32). Logo, é a *aísthesis* uma estrutura físico-somática que se reveste de uma metafísica inerente, à semelhança do “motor imóvel” de Aristóteles, do “*cogito*” cartesiano e dos “*a priori*” kantianos.

<sup>60</sup> CÍCERO, *De Nat. Deor.*, I, XVI, 43. *EMe*, 123: “... de acordo com a noção da divindade impressa em nós pela natureza”.

existem, e é evidente o conhecimento deles”<sup>61</sup>; a saber, a afirmação de que a divindade é “incorrupível e feliz” (ἄφθαρτον καὶ μακάριον, *EMe*, 123). Afirmar que de alguma forma a divindade afeta o ser humano – isto numa filosofia que reduz tudo a corpos e vazio – é admitir corporeidade<sup>62</sup> a estes seres divinos, e isso caracteriza uma verdade, pois passa pelo critério da *prólepsis*, como também a possibilidade de se referir a estes seres sem incorrer em “suposições falsas” (ὑπολήψεις ψευδεῖς<sup>63</sup>).

Destarte, essa afirmação liga Epicuro a Parmênides, pois se *ser* e pensar deve necessariamente ser o mesmo, como expressa Parmênides no fragmento 3: “portanto, o mesmo é pensar e ser”<sup>64</sup>, logo, a afirmação de que “os deuses existem” (θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν), na perspectiva epicúrea, faz jus à postulação parmenídica da relação de identidade (τὸ γὰρ αὐτὸ [...] ἐστίν) entre ser (εἶναι) e pensar (νοεῖν). Dito de outra forma, o entendimento capta as imagens dos deuses e os faz objeto de pensamento porque, na realidade, eles existem e suas emanções (ἀπόρροιαί) chegam não à faculdade da sensibilidade, mas, como diz Veleio, o epicurista do Livro I do *De Natura Deorum* de Cícero: “provém de suas imagens que impressionam não nossos olhos, como os objetos que observamos de ordinário, mas diretamente nosso espírito” (I, 49).

A noção de *prólepsis* inaugura um conhecimento gnosiológico que toma a inferência pela semelhança e pelas reincidências factuais, que acaba por superar as reivindicações da

<sup>61</sup> *EMe*, 123: θεοὶ μὲν γὰρ εἰσὶν· ἐναργῆς γὰρ αὐτῶν ἐστὶν ἡ γνῶσις. Tradução nossa por descordar de Márcio da Gama Kury quando traduz ἐναργῆς por “manifesto”.

<sup>62</sup> Cf. DONÍS, 2007, p. 183: “Luego los dioses existen y tienen un cuerpo, aunque éste sea de naturaleza tan sutil que no puede afectar a nuestros sentidos, sino a nuestra mente”.

<sup>63</sup> Isto é, operações desnecessárias da *psykhé* e retiradas de valores não naturais, ou seja, que não levam em conta o critério da senso-percepção. Daí a importância da *Canônica* epicuréia para estabelecer critérios válidos para essas operações. Vale salientar que “suposições falsas” (ὑπολήψεις ψευδεῖς) marcam oposição com o conceito de *prólepsis*, o que está claro no passo<sup>124</sup> da *Epístola a Meneceu*.

<sup>64</sup> “τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστὶν τε καὶ εἶναι”. D/K. Fr. 3. (Tradução nossa). Concordamos com a proposta de tradução de Gabriel Trindade: “[...] pois o mesmo é pensar e ser”.

autonomia do indivíduo pelas filosofias idealistas. Por outro lado, reforça também uma relação com o velho atomismo democríteo, abrindo espaço para uma atuação do entendimento (*διόνοια*) que, operando juntamente com a sensibilidade, possibilita definições e significações a partir dos entes manifestos – “não devemos fazer indagações sobre a natureza de acordo com axiomas vãos e leis arbitrárias, e sim de acordo com o desafio dos próprios fenômenos” (*EPI*, 87) –, marcando, todavia, uma recusa à dialética e aos arranjos proposicionais desnecessários à física epicúrea, motivo que levou Cícero a censurá-la (*De Finibus*, passim), pois via nessa recusa da dialética um conhecimento fundado na “simples compreensão da linguagem ordinária” (GIGANDET & MOREL, 2009, p. 111).

Por fim, uma elaboração acerca das *prólapses* é, sem sombra de dúvidas, um significativo ganho gnosiológico no pensamento filosófico de Epicuro, o qual não o restringe a um mero empirista no sentido moderno do termo. Além de ela articular um salto da sensibilidade, ela também insere a discussão na esfera da linguagem e acaba por permear todas as esferas de sua filosofia. Nas palavras de Alain Gigandet referente à *prólepsis* epicúrea: “a prolepse introduz determinações gerais e, em suma, essências, aquelas, por exemplo, que permitem identificar o homem, o boi ou o cavalo, mas também, em física, definir a corporeidade como tal ou, em ética, a natureza verdadeira do prazer” (GIGANDET & MOREL, 2009, p. 105). O conceito de *prólepsis* cumpre perfeitamente sua função como um critério canônico, o que se demonstra claramente nas palavras supracitadas de Alain Gigandet, que é dar o suporte necessário para áreas afins do conhecimento, pois se percebe – e isso é evidente na obra de Epicuro – que sem as *prólapses* não se passaria da simples observação à elaborações mais sofisticadas a nível do entendimento, nem tão pouco a linguagem seria articulável ordenadamente. Seria o homem, portanto, semelhante aos animais, emitindo apenas sons desordenados, semelhantes aos grunhidos ou balbucios.

## Considerações finais

Fica evidente, portanto, que o uso do termo *prólepsis* (πρόληψις), embora em sua grande maioria no Livro X, é usado por Diógenes Laércio seis vezes (uma vez em 31 e 5 vezes em 33), e não pelo próprio Epicuro, que o utiliza quatro vezes (72, 124, 152 e 153), está presente e de acordo com as três partes de sua filosofia, a *canônica*, a *física* e a *ética*. Suas explicações marcam, além de uma distinção com outras filosofias contemporâneas a Epicuro, uma definição precisa com um significado próprio, isto é, não se trata de uma recordação, lembrança ou memória, mas sim “um sinal *no entendimento*” (μνήμη) de “algo que nos aparece” (φαίνεται) “muitas vezes” (πολλάκις) “vindo de fora” (ἔξωθεν). Esta definição une todos aqueles conceitos usados por Diógenes Laércio no parágrafo 33, ou seja, a representação conceitual de um ente externo-físico.

Portanto, na reflexão epicúrea sobre as *prolépseis*, tanto os corpos “compostos” (ἄθροισμα) ou “sólidos” (στερέμνια) quanto o *entendimento* e a *psykhé*, relacionam-se apenas com o que lhes é comum, ou seja, de mesma constituição atômica. A *psykhé* só se relaciona com as imagens projetadas dos corpos externos, compostas da mesma natureza, isto é, de átomos finíssimos (λεπτότητες). O entendimento, na posse dos dados sensíveis, opera o pensamento (νόημα) e produz o conhecimento teórico (ἐπιστήμη<sup>65</sup>) e a sabedoria prática (φρόνησις<sup>66</sup>). Já o corpo enquanto os órgãos dos sentidos (τὰ αἰσθητήρια), ou a faculdade da sensibilidade (αἴσθησις), relaciona-se com os entes compostos, ou seja, com aglomerado atômico (ἄθροισμα), também da mesma natureza. Em outras palavras, enquanto a faculdade da sensibilidade apenas permite a introjeção das imagens em seus poros, não os

<sup>65</sup> Este termo está ausente na obra de Epicuro.

<sup>66</sup> Segundo Epicuro na *Epístola a Menecceu* 132, “O princípio de tudo isso e o maior bem é a sabedoria; conseqüentemente, a possessão mais preciosa da própria filosofia é a sabedoria” (τούτων δὲ πάντων ἀρχὴ καὶ τὸ μέγιστον ἀγαθὸν φρόνησις· διὸ καὶ φιλοσοφίας τιμιώτερον ὑπάρχει φρόνησις).

refletindo por ser inabilitada para tal função e por sua dessemelhança, a *psykhé*, por sua vez, opera as informações recebidas via sensação, fazendo das substâncias de natureza imperceptível (ἄδεια) objeto da reflexão (λογισμός). Portanto, é desse “reflexionar” sobre os particulares que surgem as *prólepsis*, conteúdos inteligíveis e discursivos.

A *prólepsis* é, portanto, para Epicuro, aquela ideia primeira apreendida e universalizada conceitualmente mediante a capacidade da *psykhé*. Ora, isso que se converte em puro pensamento e que não pode ser confundido com uma mera opinião nem uma “opinião vazia” é, portanto, melhor definido como uma “correta opinião” (δόξα ὀρθή), ou seja, fora confirmado pelo critério da sensação. A ação de antecipar (προλαμβάνειν) a forma (μορφή) ou a “figura” (σχῆμα) de qualquer coisa antes percebida se dá de maneira natural, própria da cognição humana. Os homens não necessitam de uma *maiêutica* nem *da dialética*, de um filósofo que os ajude a “dar a luz às ideias; eles precisam tão-somente investigar a natureza e, entendendo sua constituição elementar, “harmonizá-los com os fenômenos” (ἔχει τοῖς φαινομένοις συμφωνίαν, *EPI*, 86).

### Referências bibliográficas:

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BOLLACK J. & LAKS, A. (ed). *Études sur l'Épicurisme antique. Cahiers de Philologie*, Presses Universitaires de Lille, 1976.
- BOYANCÉ, P. *Lucrece et l'épicurisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- BREHIER, E. *Histoire de la philosophie I. L'Antiquité et le Moyen âge*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1928.
- BRUN, J. *O Epicurismo*. Tradução de Rui Pacheco. Lisboa: Edições 70, 1987.
- CÍCERO. *Do sumo bem e do sumo mal (De finibus bonorum et malorum)*. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- \_\_\_\_\_. *Sobre o Destino*. Tradução e notas de José Rodrigues Seabra Filho. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- COENEN, L. & BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- DELATTRE, D. & PIGEAUD, J. (Dir.) *Les Épicuriens*. Paris: Gallimard, 2010, (Bibliothèque de la Pléiade), n.º. 564, 1552 p.
- DIELS, H & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 6th ed. Berlin: Weidmann, 1951.
- DIÔGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora UnB, 1988.
- DONÍS, M. R. “Gassendi y la teologia de Epicuro”. *Fragmentos de filosofía*, n. 5, 2007, pp. 179-205.
- EPICURO. *Opere*. Introduzione, testo critico, traduzione e note di G. Arrighetti. Turin: Einaudi, 1973 [1960].
- \_\_\_\_\_. *Opere, frammenti, testimonianze sulla sua vita*. Tradotti con introduzione e commento da Ettore Bignone. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1920.
- \_\_\_\_\_. *Epistola a Erodoto*. Introduzione di E. Spinelli, traduzione e commento di F. Verde. Roma: Carocci, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Lettre à Hérodote”. In: BOLLACK, J; BOLLACK, M; WISMANN, H. *La lettre d'Épicure*. Paris: Les Éditions Minit, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Máximas Principais*. Texto, tradução, introdução e notas de João Quartim de Moraes. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- FARRINGTON, B. *A doutrina de Epicuro*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- FIGUEIRA, M. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- \_\_\_\_\_. “Um banquete frugal: a influência socrático-platônica em Epicuro”. *Archai*, n. 9, jul-dez., 2012, pp. 117-122.
- GIGANDET, A. & MOREL, P.-M. (Orgs). *Ler Epicuro e os Epicuristas*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- GUAL, C. G.. *Epicuro*. Madrid : Alianza Editorial, 2002.
- HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*. V.1. Tradução de Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.
- ISIDRO, P. S. J. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8 ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1998.

- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 2 ed. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- LONG, A. A. (Org) *Primórdios da filosofia grega*. Tradução de Paulo Ferreira. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.
- LUCRÉCIO. “Da Natureza”. In: *Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, M. Aurélio*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- MARQUES, M. P. (Org). *Teoria da Imagem na Antiguidade*. São Paulo: Editora Paulus, 2012.
- MORAES, J. Q. de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna, 1998.
- NIZAN, P. *Os Materialistas da Antiguidade*. 2ª. ed. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. Lisboa: Editora Estampa, 1977.
- PABÓN, J. M. *Diccionario Manual Griego: Griego Clásico-Espanõl*. 19ª ed. Barcelona: Voz, 2002.
- PESCE, D. *Introduzione a Epicuro*. Bari: Editori Laterza, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Saggio su Epicuro*. Bari: Editori Laterza, 1974.
- PLATÃO. *Menon*. Texto estabelecido por John Burnet. Tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO/ Loyola, 2001.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga III: Os sistemas da era helenística*. 4ª ed. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.
- RIST, J. M. *Epicurus: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- RÚA, J. L. G. *El sentido de la naturaleza en Epicuro: Algunos aspectos del discurso físico epicúreo*. Granada: Editora Comares, 1996.
- SPINELLI, M. “Considerações acerca da *prólépsis* de Epicuro”. *Trans/Form/Ação*, v. 35, n. 1, jan.-abr., 2012, pp. 3-22.
- \_\_\_\_\_. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Editora Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Os Caminhos de Epicuro*. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- USENER, H. *Epicurea*. Leipzig: Teubneri, 1887.
- VINE, W. E; UNGER, Merrill F; WHITE, W. Jr. *Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Editora Cpad, 2003.

